O Occidente

Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India.....	5$000	2$500	-$-	-$-

35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1196

20 de Março de 1912

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

Cronica Occidental

Se as andorinhas ainda não chegaram, espantadas com esta invernia em vesperas de primavera, chegou o sr. dr. Afonso Costa a penates, da sua estada na Suissa, onde foi retemperar a fibra para a luta politica, sendo recebido nesta capital com demonstrações festivas dos seus amigos, que o acompanharam a casa, onde da janela lhes falou, declarando que: «A palavra de ordem é a mesma de sempre: unamo-nos!»

«E ai daqueles que não fôrem verdadeiramente republicanos, que hão de sentir a necessidade de se unirem ao povo!»

E assim proseguiu em breves palavras, o recem-chegado, entre os aplausos do auditorio.

Este é o ultimo acontecimento importante que a cronica tem a registrar, outro, porém, que se afigura mais de ponderar para a vida da nação, são as declarações que o presidente de ministros e ministro dos estrangeiros, sr. dr. Augusto de Vasconcelos, fez no parlamento na sessão da camara dos deputados de 15 do corrente.

Essas declarações trouxeram grande alivio ao publico, alarmado, inquieto, apreensivo com o que certa imprensa estrangeira tem divulgado sobre a sorte das colonias portuguêsas, pela exisencia de tratados secretos entre as potencias, para a sua partilha.

O deputado sr. Ezequiel de Campos havia anunciado uma interpelação ao sr. ministro dos estrangeiros, formulada nas seguintes perguntas:

«1.º — Se o sistema de relações internacionaes do nosso país sofreu alguma modificação pelo facto da implantação da Republica?»

«2.º — Se os titulos ou convenções internacionaes vigentes ao tempo da proclamação da Republica, fôram alterados em algumas das suas disposições ou clausulas?»

«3.º — Se no ministerio dos negocios estrangeiros ha conhecimento oficial do tratado secreto entre a Inglaterra e a Alemanha celebrado em 1898 e, no caso afirmativo, se esse tratado ameaça de alguma fórma a integridade e a independencia do nosso dominio ultramarino?»

Estas perguntas fôram cabalmente respondidas pelo referido ministro. Com relação á primeira, nos seguintes termos:

«Já no tempo do governo provisorio havia sido afirmado e tenho a satisfação de o corroborar neste momento, que nenhuma razão tem o governo para julgar que alguma modificação se haja dado no sistema de relações internacionaes do nosso país pelo facto da implantação da Republica.

«Sobre que bases assenta o que poderei chamar o estatuto das relações externas da Republica? Sobre a nossa secular aliança com a Inglaterra, sobre a amisade intima com as nações nossas visinhas no continente e nas colonias, portanto com a Espanha, a França, a Alemanha, a Belgica e a Holanda, sobre a amizade e cortezia para com todas as outras potencias com as quais mantemos as melhores relações, quer politicas quer comerciais.

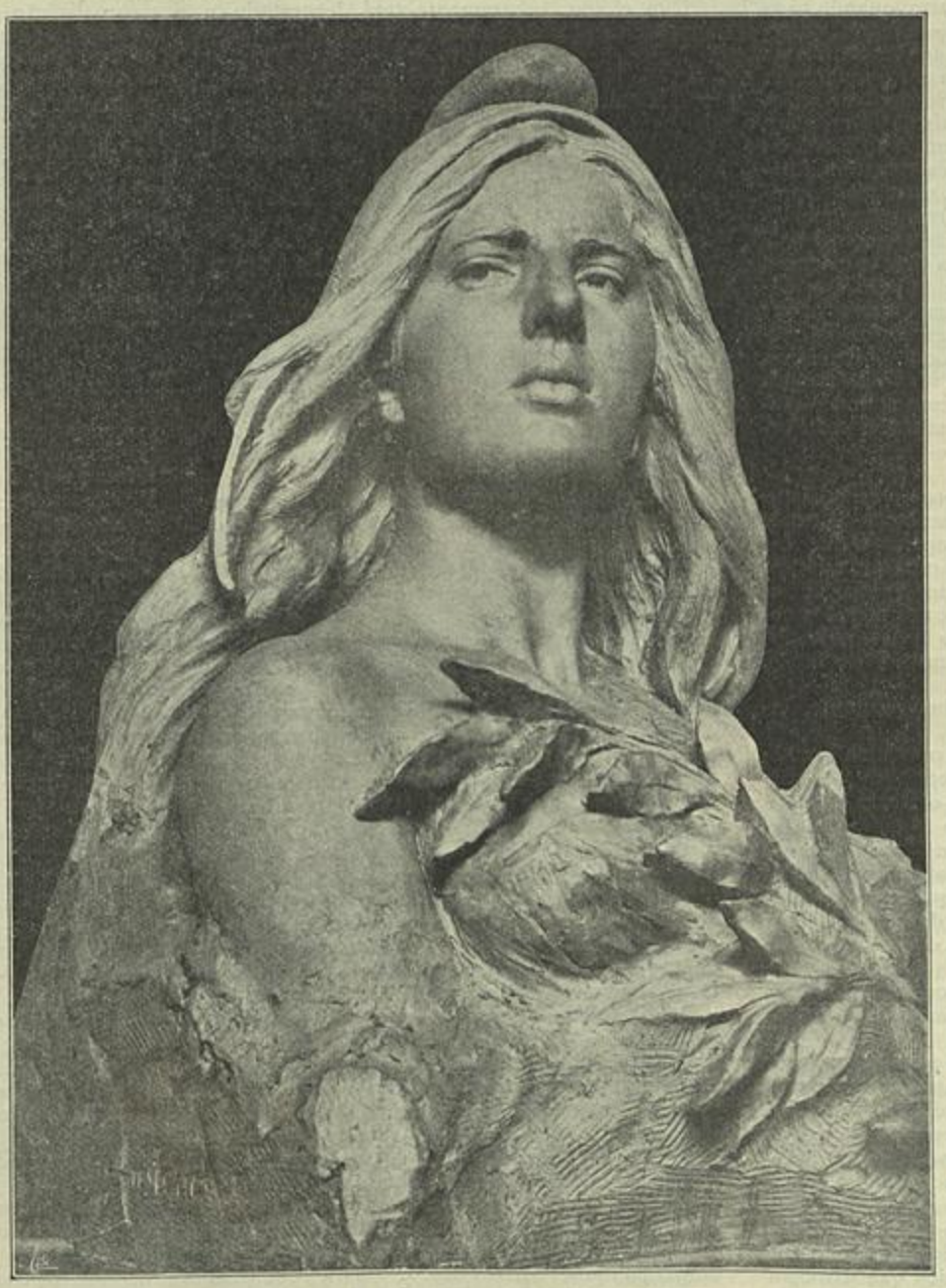
«Fala-se sempre muito e felizmente na nossa aliança com a Inglaterra.

Poucos, porém, conhecem o que sejam os nossos antigos tratados de aliança com a Inglaterra, tratados que desde os fins do seculo XIV (1373, 1386) até aos nossos dias, teem sido sempre todos reconhecidos e acatados por essa poderosa e leal potencia. E porque, apesar de quasi todos publicados, sejam particularmente em Portugal pouco conhecidos, permitir-me ha a Camara que eu lhe exponha tão rapida e resumidamente quanto possivel, as clausulas que figuram nesses tratados e que num breve ensaio de codificação fiz coligir logo que tomei conta da gerencia da minha pasta.

Os tratados entre Portugal e a Inglaterra

«O primeiro desses tratados é o de 1373, entre Eduardo, rei de Inglaterra e França, e D. Fernando, rei de Portugal e dos Algarves, e D. Leonor, sua mulher. Seguem-se os de 1386, 1642, 1654, 1660, 1661 e 1703, o tratado de 1615, de Vienna, e as confirmações por notas e mensagens ao Parlamento, nomeadamente as notas do Duque de Palmella (1825 e 1826), a mensagem do rei da Gran-Bretanha ao Parlamento, 1826, as notas de 1828 a 1829, do Marquês de Barbacena e do Conde de Aberdeen, os despachos do Conde de Granville ás legações britanicas de Lisboa e Madrid (1873), e a apresentação á camara dos lords, em dezembro de 1898, pelo governo britanico, dos artigos em vigor dos tratados até 1815. E' evidente que não me refiro, para não cançar a Camara, a varios tratados, que ma-

Exposição de Esculpturas de Julio Vaz



Busto da Republica Portuguêsa,
3.º premio no concurso aberto pela Camara Municipal de Lisboa

nifestamente são considerados caducos por ambas as nações.

«O que conteem os tratados considerados em vigôr? As seguintes clausulas, que resultam da citada publicação á Camara dos Lords:

«I — Haverá aliança e amisade constante e perpetua entre Portugal e a Gran-Bretanha.

«II — A aliança entre Portugal e a Gran-Bretanha não será derrogada por nenhuma outra aliança ou tratado que celebre qualquer destas duas nações.

«III — Nenhuma das partes aliadas se juntará com os inimigos ou emulos da outra parte, nem lhes dará conselho ou auxilio, nem aderirá a qualquer guerra, conselho ou tratado em prejuizo da outra.

«IV — Cada uma das partes aliadas impedirá os danos, descreditos, vilanias que lhe conste intentarem-se para futuros ataques, avisando completa e imediatamente, a outra parte aliada, contra tais maquinações.

«V — Nenhuma das partes aliadas receberá ou consentirá os inimigos rebeldes, ou fugitivos da outra nas suas terras, ou conscientemente tolerará que ali sejam recebidos, ou consentidos, ou que ali habitem, publica ou ocultamente, sob qualquer pretexto.

«Exceptuam-se os fugitivos e exilados, não sendo traidores contra a nação de onde fogem, ou que os exilou, ou não sendo suspeitos de procurarem para qualquer das partes aliadas detrimento ou discordias. Neste caso, sendo uma das partes requerida pela outra, deverá entregar tais pessoas ou expelil-as para fóra das suas terras.

«VI — Nenhuma das partes aliadas consentirá que, nas suas terras, inimigos da outra fretem, ou obtenham navios que possam empregar-se em prejuiso da outra parte.

«VII — Se as terras duma das partes alíadas fôrem ofendidas ou invadidas por inimigos ou emulos, ou estes tentarem, maquinarem ou parecerem por qualquer modo proximo a ofendel-as ou invadíl-as, deverá a outra parte, quando para isso solicitada, enviar auxilio de homens, de armas, navios, etc., para defeza dos territorios na Europa da parte atacada ou em outros quaisquer dominios desta, contra que se preparem invasões.

«VIII — Se quaisquer conquistas ou colonias, duma das partes aliadas, fôrem ofendidas, ou invadidas por inimigos, ou estes tentarem, imaginarem ou parecerem por qualquer modo, proximos a ofendel-as deverá a outra parte, quando para isso solicitada, enviar auxilio de homens, de armas, navios, etc., para defeza dessas colonias, ou para a sua recuperação quando perdidas.

«IX — Se Espanha ou França quizerem fazer a guerra a Portugal nos seus territorios do continente da Europa, ou nos seus outros dominios, a Gran Bretanha interporá os seus oficios para que se conserve a paz, e, não conseguindo, «enviará tropas e navios», que combatam por Portugal»

A segunda pergunta considerou o sr. ministro estar respondida com o que acabava de expôr em relação á primeira, tendo apenas a declarar que nenhuma alteração fôra comunicada ao governo sobre os tratados existentes e suas clausulas. «Não se referindo, é claro, aos tratados comerciaes, negociados em novas bases, pelo governo provisorio e que se acham em execução, alguns com pleno exito.»

Com respeito á terceíra e ultima pergunta, declarou o mesmo ministro:

«Posso responder a v.ª ex.ª com uma grande satisfação, que o governo da Republica sabe que não existe tratado algum entre o Reino Unido e a Gran-Bretanha e Irlanda e o Imperio da Alemanha, que contenha seja o que fôr, de natureza a ameaçar a independencia, a integridade, ou os interesses de Portugal, ou de qualquer dos seus dominios. Faço ao Parlamento do meu país esta declaração com o assentimento dos gabinetes de Londres e de Berlim.»

Com prazer registra a cronica estas declarações oficiaes, prazer que, seguramente, se estenderá a todos os portuguêses.

Entretanto não é isto motivo para se adormecer sobre o caso, mas antes para acordar e trabalhar com mais vontade, livre de pesadelos e confiante no futuro, se se souber seguir o exemplo, como disse ainda o sr. presidente de ministros, das grandes potencias franqueando ás mais audazes iniciativas o solo das suas ricas colonias em que se semeiam capitais de todas as bolsas. Poderiamos nós fazer outra politica, retraindo-nos do convivio e da colaboração dos que dispõem de capitais, de braços e de iniciativas? Não O que temos é que caminhar com eles e não deixal-os trabalhar a sós, onde nós temos imperiosos deveres de civilisação a cumprir e de interesses a salvaguardar.

Quizera a cronica continuar registrando factos de elevação moral, no caminho de regeneração da patria que o novo regimen se propôs seguir, mas com tristeza, abserva que nem tudo são rosas e que uma ou outra vez descarrila.

E' o caso da comissão de finanças ter dado parecer contrario a uma proposta feita em tempo pelos srs. Bernardino Machado e Abel Botelho para que o Estado cedesse o bronze e mandasse fundir, no Arsenal do Exercito, um busto de Sousa Viterbo.

O curioso desse parecer é a comissão fundamentar principalmente a sua recusa no receio de que se a apoiasse, ser tida por menos zelosa dos interesses do erario publico, que «com afinco e tenacidade» lhe cumpre defender. E depois acrescenta: «... e mostrará, por outro lado, que descura ou não compreende a levantada e proficua orientação que modernamente e em todos os tempos deve ser dada ao espirito publico, em um Estado governado por uma Constituição liberal democratica e progressiva, e que deve ser conducente ao desenvolvimento das iniciativas individuaes e ao mutuo e reciproco auxilio e concurso dessas iniciativas para todos os assuntos que tenham em mira o bem publico e para todas as ideias generosas e estimuladoras de nobres manifestações.»

Uff, que está-se a vêr quanto custou a farmacía desta pilula á coerente comissão que, poucos dias antes, votára o subsidio de um conto de réis para a fundição da estatua do conde de Ferreira.

Mas ainda a mesma comissão precede a sua recusa com considerandos como este: «Se der parecer desfavoravel, isso poderá injustamente parecer menos consideração e menos elevado preito pela memoria do benemerito e proficiente escritor, que aos seus altos dotes de estudo, pesquisa e saber, juntava a mais natural e despretenciosa modestia.»

Este elogio, seguramente terá despertado os agradecimentos de Sousa Viterbo.

«Se lá no assento Etherio onde subiste,
Memoria desta vida se consente.»

CAETANO ALBERTO.

Exposição de esculpturas de Julio Vaz

Tambem nós tivemos o prazer de visitar, por um destes lindos dias de nascente primavera, o elegante salão Bobone onde Julio Vaz Junior — um dos primeiros entre os artistas novos de mais talento e esperança do nosso paiz — fez a sua exposição de esculpturas.

Por informações elogiosas que amigos se apressavam a proporcionar-nos, já mais ou menos conheciamos alguns traços da fisionomia inteletual do esculptor. E essa leve emoção de simpatia que levavamos na alma anciosa de admirar, só cresceu e se intensificou, ao transpormos os liminares daquele pequenino santuario: O aspeto geral era acolhedôr e agradavel. Sob a epiderme fria do bronze e do gesso, sentia-se palpitar o anceio dum artista delicado e próbo.

De frente, mal entrámos, logo deparámos com um busto fórte representativo da Republica-Portugueza, que, segundo nos dizem, obteve o terceiro premio, num concurso aberto pela Camara Municipal de Lisbôa. Nos traços gerais, póde dizer-se, é bem delineado. De relance, desvelam-se os intuitos excelentes do autôr. No entanto, analisando detidamente, reconhecemos que, se o sr. Julio Vaz desejou representar uma republica, na alma de todos idealisada, serena, magnanima, *austera*, não foi completo na realisação. E' certo. O olhar tem luz, os labios esboçam-se com energía, a fisionomia tem movimento expressivo. Mas falta áquela fronte, a gravidade austera, a serenidade fórte, a expressão sugestiva — que sem duvida o artista desejaria imprimir-lhe. Não está conscia da sua força e legitimidade. Parece agressiva. O olhar parece refletir uma torturada ideia de perseguição.

Mas os nossos olhos enlevam-se logo na contemplação daquele enorme quadro de vida que é o esboço *Os Humildes*. Beira-mar. A rêde que é o ganha-pão dos humildes pescadôres vem aproximando-se lentamente... Mas a rêde pésa e arrasta-se com custo. E os pescadôres exaltam-se no ante-gôso duma hora feliz, compensadôra de fadigas e temeridades. E aqueles corpos calejados retezam-se, curvam-se, os musculos resaem valorosamente, as carnes rasgam-se no solo, as fisionomias descompõem-se. E a rêde aproxima-se lentamente... Pescadôres sáem d'agua, refulgindo no ar blocos de espuma, hesitantes, aos tropeções, nos braços enredantes das ondinas. Pescadôras rijas, reflétindo na alma a ancia dos companheiros, lá vão tambem, filhos pequenos ao cólo, concorrer no esfôrço supremo dum momento. E aqueles corpos curtidos, ao sol e ao vento, ao granizo e á chuva, contorcem-se espetrais, desfiguram-se e arrastam-se pelo chão saibroso. E a rêde vem aproximando se lentamente...

Foi este, o grande trecho duma vida violenta e duma psicologia intensa que o sr. Julio Vaz surpreendeu e tão bem soube interpretar. E estes *Humildes* que ainda são esboço simples, firmam, a nosso ver, a iniludivel esperança do aparecimento dum dos artistas portuguezes mais conscienciosos e delicados.

Apreciámos tambem, ainda que não sentissemos grande entusiasmo, francamente, o dizemos, em iniciado esboço, o baixo-relevo *A Greve* — O assunto é, sem duvida, palpitante.

O modo, como parece ser tratado, é de verdadeiro artista. Mas as figuras ainda estão em tão confusa nebulosa, que nos inhibe de falar mais detidamente do esboço, conseguindo, no entanto, incutirnos alguma esperança.

Interessantes e cuidados estudos de fisionomias, tambem o sr. Julio Vaz expôz no salão Bobone. O *Octogenario* já apresentado e justamente apreciado, em Paris, no *Salon* de 1911, é um exemplar perfeito desses velhos de tempera antiga, aparentando ainda saude e robustez, envergonhando a mocidade de hoje, precocemente inválida, fisica, moral e mentalmente.

E, por vezes, á força de o olharmos, temos a impressão de que está brilhando naquele olhar profundo e apagado uma faisca de ironia.

Na *Velha* o artista, não foi, talvez, bem feliz, na realisação. Dá-nos, umas vezes, a impressão de que ri. Outras vezes, de que chora. Em todo o caso, uma carêta artificial e insignificativa...

Avistámos, finalmente, os estudos, em gesso patinado, *Torquato Pinheiro* e *Pedro Fernandes Thomaz*, e um estudo em bronze, *Eloy do Amaral*. Muito conscienciosamente realisados.

ANTONIO COBEIRO.

Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

Pouco pepois de fundearmos veiu cumprimentar-me a commissão municipal que de tarde me offereceu uma amavel recepção na casa da Camara. Visitei o governador na sua residencia por cima do Forte da Mina. E' uma boa situação debaixo do ponto de vista hygienico, mas de difficil accesso, não só por estar no cume do monte mas por ter de se desembarcar n'um monte de pedras que com a mais pequena ondulação pódem arrombar as embarcações O governador vive ali como um verdadeiro asceta, podendo apenas sair por mar para a cidade distante cerca de uma milha. A cidade de Santo Antonio tem um aspecto miseravel que contrasta com a belleza da vegetação que a rodeia; não seria difficil transformál-a n'uma linda povoação.

A boia que assignala o baixo perto do ancoradouro, em vez de preta como indica a carta, está vermelha, talvez por ser essa a côr da ferrugem. Mandei lá um official determinar a posição e viu-se que tambem não está no logar que a carta indica.

Os angulos medidos fôram:

Captain Pt. e Martha Pt.	70°.50′
Martha Pt. e Igreja	97°.13′
Igreja e roça Santa Anna.....	126°.6′
Roça Santa Anna e Captain Pt.	65°.33′
Martha Pt. e Restinga Fort Pt..	33°.36′
Restinga Fort Pt. e Igreja.....	63°.37′

No dia 17 de manhã veiu s. ex.ª o governador retribuir-me a visita e ás 11 suspendemos e começámos a navegar em direcção á Serra Leôa. Contornámos o norte da ilha e seguimos por menos de dois gráos de latitude afim de evitar a corrente da Guiné na sua maior intensidade.

Observámos á noite uma phosphorescencia que fazia um lindo effeito, sobretudo na esteira do navio, a qual se assemelhava a uma larga fita de

prata. A minha incompetencia no assumpto não me permitte informar se estes protozoarios eram a *noctiluca miliaris* espherica, ou da especie Pyrocystis que segundo parece foi averiguado durante a celebre expedição do *Challenger* serem os causadores da phosphorescencia no alto mar.

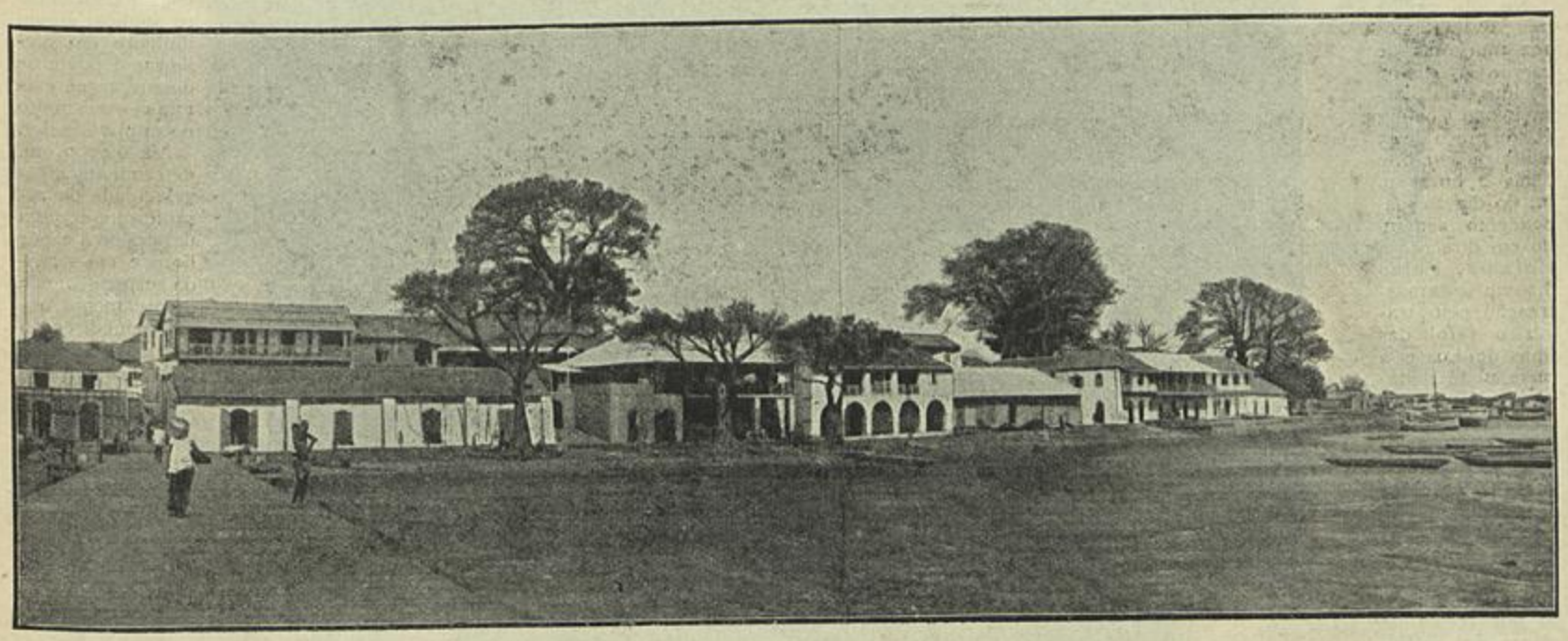
Prefiro a explicação menos scientifica mas mais poeticamente phantastica que ha um seculo deu um poeta inglez, explicação apropriada a esta região de trovoadas frequentes:

.....the waves
.....spangled with phosphoric fire
As though the lightnings there had spent their shafts
And left the fragments glitteriug in the field.

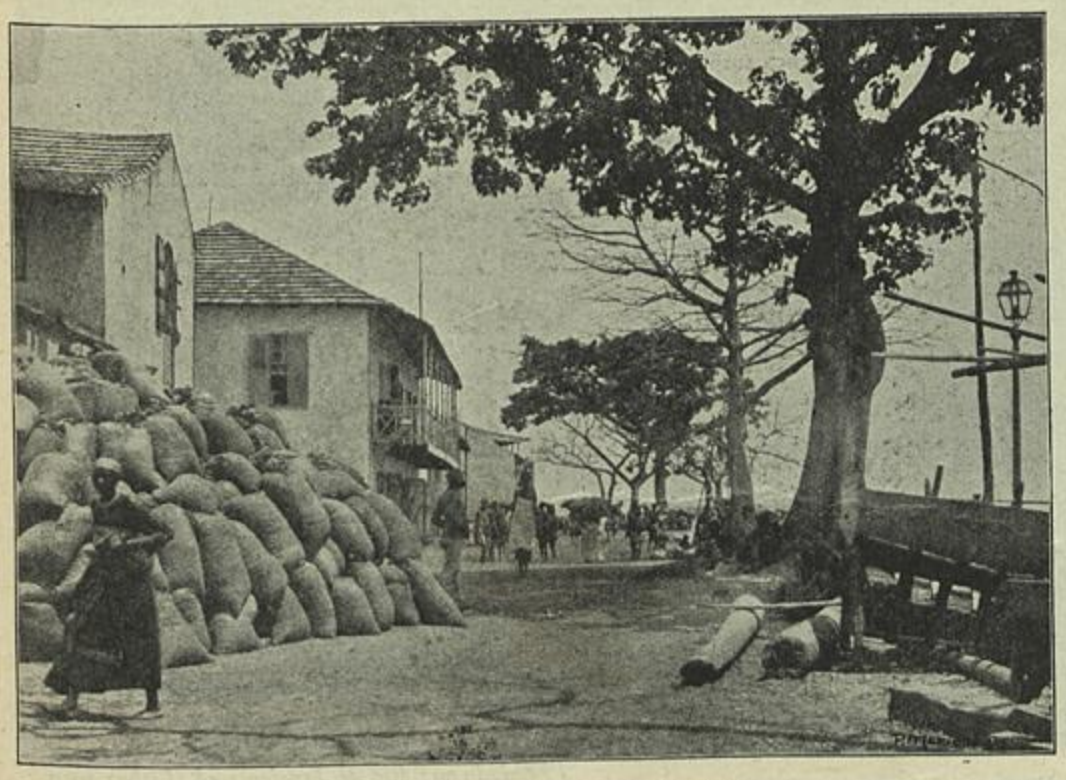
Conservando-nos n'uma lititude baixa conseguimos, nos primeiros dois dias de viagem, ter correntes contrarias fracas 10 e 11 milhas. No terceiro dia tivemos já 19 e no quarto dia, apesar de estarmos ainda em 2.28', augmentou para 28. Deixou de valer a pena afastarnos da costa e por isso soltàmos o rumo para Freetown. Por meio d'umas mangueiras adaptadas aos embornaes do tombadilho e d'um encanamento que mandámos fazer em Hong Kong, conseguimos quasi encher os tanques de reserva da machina com agua da chuva, o que permittiu parar o funccionamento do vaporisador e fazer uma apreciavel economia de combustivel.

No dia 19 cruzámos a derrota dos navios portuguezes que vão a S. Thomé, no dia 20 a dos vapores belgas que vão ao Zaire, no dia 21 a dos allemães que se dirigem a Swakopmund e no dia 23 a dos paquetes que seguem para o Cabo, encontrando o paquete da Union

BISSAU — Na ponte da Alfandega



Uma vista de Bissau



BISSAU — Rua de Agostinho Coelho

Castle, *Norman*, que do Cabo seguia para a Madeira e nos alcançou pelas 11 horas a. m. Quando communicávamos pelo telegrapho, metteu-se na conversa o *City of London* que não estava á vista.

Pelas 5,30 da tarde começámos a prumar sobre o banco de Santa Anna, ás 6,30 determinámos a posição do navio por rectas de altura do sol e de Sirius e pelas 11,30 p. m. fundeámos em 16 braças de fundo, visto não ser conveniente amarrar em Freetown de noite. No dia 24 pelas 6,30 a. m. suspendemos e continuámos ao mesmo rumo: pouco depois avistava-se a Serra Leôa, demandámos o porto e amarrámos em frente da cidade, no fundeadouro indicado na carta do almirantado, salvando em seguida á terra. Eram 9 horas da manhã.

De Freetown (Serra Leôa) a S. Thiago (Cabo Verde) por Bolama e Bissau

A Serra Leôa foi descoberta pelo navegador portuguez Pedro de Cintra em 1462. Foi assim chamada devido ao ecco que as frequentes trovoadas produziam nas montanhas semelhante ao rugido do leão. De 1787 a 1807 estabeleceram-se ali varias colonias de escravos, foi annexada pelo governo inglez n'esta ultima data e desde 1888 constitue um districto colonial independente comprehendendo 180 milhas de costa desde a colonia franceza Rivières du Sud até á republica da Liberia. Existem boas estradas e uma linha ferrea até á fronteira da Liberia. Exporta-se borracha, cola, azeite de palma gingibre, couros, etc.

Exposição de Esculpturas de Julio Vaz

quasi tudo vindo do interior. O movimento do porto é importante: no dia em que ali estivemos entraram quatro vapores. A cidade de Freetown está fortificada e a guarnição de tropas indigenas consta d'uns tres mil homens. O serviço de embarque de carvão está bem montado feito com rebocadores e batelões com capacidade de 30 tonelada. Mettemos facilmente 122 toneladas em 4 horas e não é difficil embarcar 400 por dia. O cruzador que ha pouco aqui passou acompanhando o duque de Connaught metteu duas mil. Existem duas boas barcas d'agua a vapor: a agua é de boa qualidade mas cara custando 10 shillings a toneladas. A população é quasi só composta de negros de varias raças, havendo apenas uns 500 brancos em todo o territorio. Existem cinco escolas uma das quaes completou agora o seu 66 anniversario. Por isso os indigenas fallam e escrevem correctamente o inglez.

Julio Vaz Junior

Pouco depois de fundearmos vieram a bordo o capitão do Porto e o vice-consul de Portugal Isaac S. Slater. Retribui estas visitas e fui deixar um bilhete ao governador que estava ausente, no interior.

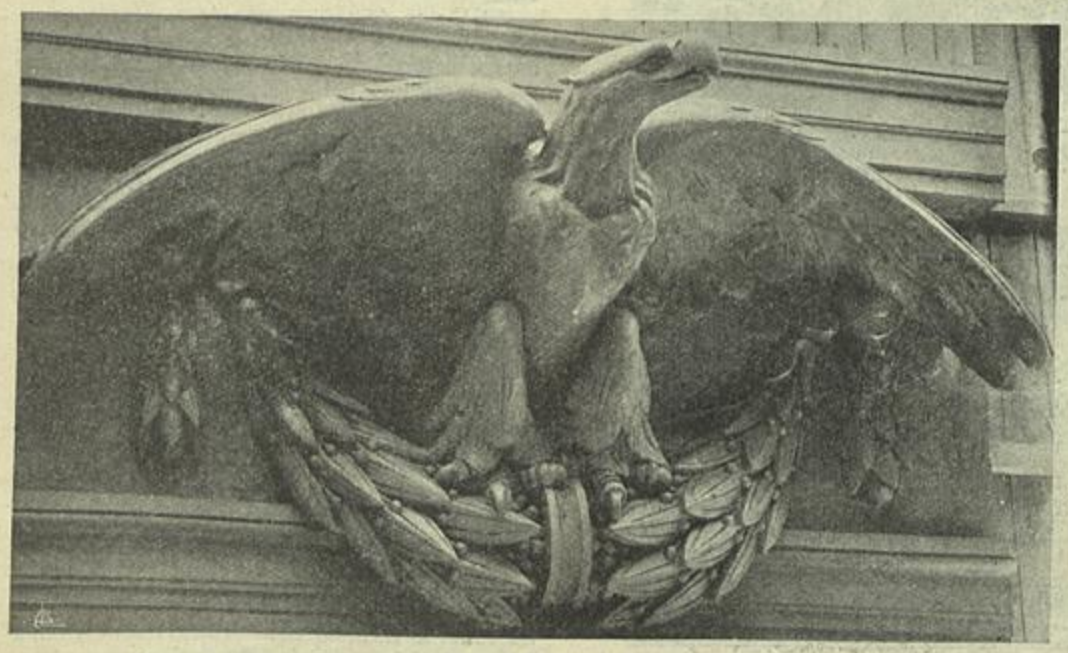
No dia 25 de março mettemos 122 toneladas de carvão Cardiff fornecidas pela Sierra Leona Coaling C.º ao preço de 45 shillings f. o. b. e pelas 2 horas p. m. do dia 26 suspendemos, seguindo em direcção a Bolama. Pelas 8,30 viu-se da mastreação pelo travez o farol das ilhas de Los e á meia noite deitamos dois graus para o mar afim de compensar a corrente de enchente dos rios da costa que devia começar ás 2 horas da manhã. A's 5,30 a. m. determinamos um ponto por rectas de altura das estrellas «Antares», «Arcturus» e «Vega» confirmado por uma sonda de 12 braças com o prumo de Lord Kelvin, soltamos o rumo para a entrada do canal de Ourango no qual começamos a navegar pelas 10 horas seguindo em direcção a Bolama onde fundeamos ás 5 horas da tarde. Foi o *S. Gabriel* o primeiro cruzador portuguez que visitou esta colonia. Vieram a bordo os primeiros tenentes Botelho de Sousa, capitão dos Portos e Freitas da Silva commandante da canhoneira *Lurio*, segundo tenente Bernardo Alpoim commandante da *Cacheu* e ajudante do governador. Fundearamos perto da *Lurio*, soubemos que a bordo d'este navio que estava abandonado, se tinham dado casos de doença suspeita fallecendo um official, um contramestre, um conductor de machinas e duas praças das 13 atacadas. Em vista destas informações resolvi affastar-me da *Lurio* o que fiz mudando de fundeadouro pelas 7 horas da tarde e resolvemos partir no dia seguinte. Visitei o governador segundo tenente Carlos Pereira.

No dia 28 vieram a bordo s. ex.ª o governador e o commandante da lancha *Flecha* que chegara durante a noite, segundo tenente Monteiro. Pela 1 hora da tarde com maré de vasante largamos do ancoradouro em direcção a Bissau onde fundeamos pelas 5,30 p. m. salvando em seguida a terra. Vieram a bordo, o presidente da commissão municipal, patrão-mór, etc. De noite funccionaram para exercicio os projectores.

Na manhã de 29 fui a uma recepção no Forte para a qual me convidaram o presidente e o concelho municipal com os quaes visitei a povoação. O commercio de Bissau quasi todo nas mãos de casas francezas e allemãs é muito importante, talvez de tres mil contos por anno. Tendo a Provincia excesso de receita sobre a despeza, apezar de não se cobrarem quasi impostos directos parecia me conveniente applicar algum dinheiro em melhorar a ponte de desembarque e as ruas que muito deixam a desejar.

A's 6,45 p. m. determinamos a velocidade da vasante que excedia um pouco a 2 ½ por hora e em seguida suspendemos e começamos a navegar em direcção a S. Thiago de Cabo Verde. Passamos o canal de Geba onde encontramos um vapor do cabo submarino que vinha reparar o cabo partido, e seguimos pelo de Cayo marcando ás 5,45 p. m. ao norte o

A «Greve», baixo relevo em bronze



Aguia, no frontão do palacio do sr. Sotto Maior, na Figueira da Foz

Octogenario (bronze)

Premiado no: Rio de Janeiro 1908, Lisboa 1910, «Salon», 1911

farol de Cayo, d'onde soltamos o rumo para S. Thiago.

Não encontramos difficuldade alguma na navegação por entre as ilhas da Guiné. As cartas não tem correcções desde 1899 mas parecem estar exactas e inspirar confiança. Quem tiver uma boa agulha e um prumo de Lord Kelvin não deve ter a menor preoccupação em por ali navegar. A balisa das pedras Pedralva é bem visivel: pena é ser a unica que existe. Parece-me que as lanchas canhoneiras em serviço na Guiné podiam proceder a trabalhos hydrographicos completando e corrigindo as cartas do almirantado inglez no que se prestava um bom serviço á instrucção dos officiaes e á navegação. Com bom tempo e vento NE regular navegamos em direcção a S. Thiago onde fundeamos pelas 2 horas da tarde do dia 31 salvando em seguida a terra.

(Continúa.)

A. Pinto Basto.
Capitão de fragata

PELOS TEATROS

TEATRO DA TRINDADE — O Rei das Montanhas, 3.º acto

PELOS TEATROS

Quando nesta revista me referi ao *Rei das Montanhas*, ópera cómica representada no teatro da Trindade, de Victor Léon, música de Franz Lehar, não tinha lido ainda o romance de Edmond About, publicado pela Empresa do Occidente, *O Rei das Serras* de onde esta peça foi extraída.

Modificado extraordinàriamente nalgumas das suas passagens principaes, tendem essas modificações para amenisar a acção violenta do romance de About que é ao mêsmo tempo uma violenta apóstrofe aos costumes gregos, politicos e sociais da época, o que valeu ao seu autôr não poder voltar àquêle país.

TEATRO DA REPUBLICA — «Primerose» — Final do 3.º acto

(Clichés A. Lima)

E' claro que não se trata aqui de verificar a exactidão da transposição mas simplesmente de constatar o facto de esta peça ser extraída daquêle romance e ter sido transformada de maneira a não deixar transparecer o seu espírito e o fim principal que visára, tendo Victor Léon aproveitado dêle passagens que reproduz exactamente e modernisado a história terrivel que nos conta Edmond About, formando-lhe uma ligeira intriga amorosa que ela não tinha.

República

Precedida de estrondoso réclamo que se traduziu em entrevistas, transcrições e comentários que os vários jornaes publicaram, subiu à scena na festa artistica do actor Brazão, luminar da scena portuguêsa e artista querido das plateias, a peça de Robert de Flers e Caillaret, *Primerose*.

Conhecidos são já do nosso público êstes autôres bem como a sua maneira literária, o seu fino espírito, a sua rara habilidade de movimentar os personagens, de encher a scena e de dar ao diálogo uma vivacidade e uma graça inexcediveis.

Marca esta peça uma época de glória para os seus autôres pois que foi ela que lhes abriu as portas da Comédie Française.

Melo Barrêto a traduziu para a nossa lingua e e com tal cuidado e esmero que nos deu uma preciosa joia em que transparece aquêle espírito gaulez inegualavel.

De uma linguagem cheia de preciosismo que, de resto, se encontra em todas as peças de Flers e Caillaret, é ao mêsmo tempo de uma pureza de intenção que a torna salutar em extremo.

São criaturas boas e principalmente símpáticas os seus personagens.

E êsse teatro de onde se colhem tão boas impressões e até lições aproveitaveis dadas sob a égide de um humorismo rial, pode sêr profundo e observar factos da vida social ou política, apreciá-los, discuti-los, condená-los sem ter o ar de quem fala de coisas sérias.

Sobretudo o que torna notavel esta peça é a maneira como estão acentuados os caractéres dos personagens.

Isto torna bastante dificil o desempenho que aliás foi correctissimo da parte dos nossos actores.

O papel de Primerose é dificilimo e Leonor Faria soube vencer essas dificuldades a primôr.

Primerose, ou antes Maria Rosa de Plelan, é uma rapariga de 24 anos, filha do Conde de Plelan, velha nobreza francêsa, e que possue o mais belo coração e os melhores sentimentos que se podem imaginar para uma criatura encantadôra.

Um dia veiu que o amôr despertou no seu coração que até ali se tinha enternecido apênas com o infortunio alheio.

Apaixonada por Pedro de Lanery de quarenta anos, e convícta de que êle a amára sem ousar declarar-lho, resolveu escrever-lhe dizendo-lhe as sacramentais palavras dos namorados.

Coincidiu esta declaração com a noticia que Lanery recebeu de que estava arruinado e numa entrevista havida entre ambos no Castelo do Conde êle foi forçado a dizer-lhe que a não amava, levado por um escrupulo pouco vulgar nos nossos dias.

Ela tinha recebido o *coup de fondre*, como dizem os francêses, e essa grande desilusão fá la sofrer muito o que a levou ao desêjo de tornar-se religiosa.

Depois de ter desabafado com seu tio o Cardeal de Mérance e de lhe têr comunicado o seu desêjo, recolheu a um convento das proximidades onde já tinha por costume ir tratar de crianças em determinados dias da semana.

A sua vida nova, de trabalho e de sacrificio, fez-lhe esquecêr a sua dôr passada e uma alegria mais expressiva e mais vivaz se apoderou de ela fazendo lhe acreditar que bem melhor era aquela sua vida do que a que tinha dantes.

Pedro de Lanery volta da América e encontra-se com ela em casa do Conde.

A impressão é profunda em ambos e êle declara-lhe então que era falso o que lhe tinha dito naquela noite de baile, que a amava, que sempre a tinha amado e que sofria.

Escudada pelo seu fervôr religioso repele as audaciosas declarações de Pedro e exige lhe o sacrificio de que depende a sua felicidade.

Nêste momento um acontecimento providencial se intromete: a questão da separação da Igreja, na França.

O convento em que Primerose está recolhida vai sêr encerrado e expulsas as religiosas.

O Conde e os seus amigos exasperam-se, falam em resoluções e tomam atitudes enérgicas, às quais se não alía o Cardeal, que compreende bem as funções da religião e o que ela deve sêr.

Vamos encontrar Primerose em casa de uma madrinha, a Condessa de Sernaizes, mulher que se divertia sempre com o amôr, frívola e leviana como uma marquêsa do século XVIII e de quem o Cardeal dizia que «era o vivo retrato da multidão» por não ser capaz de ter uma ideia sua ou de formar um um juizo sobre qualquer coisa.

Pedro de Lanery freqúenta a casa da condessa e alí se encontra novamente com Primerose. Esta não abandona o seu mistícismo emquanto não sente a primeira aguilhoada do ciume que nela desperta ao saber das relações intimas que Pedro tinha com uma senhora da sua sociedade.

De resto, ela não tinha deixado de o amar e o amôr é sempre o mais forte.

Resumindo o entrecho da *Primerose* omito pormenores que interessariam para uma exposição clara e consequentemente para uma apreciação condigna de essa obra que a falta de espaço me não permite fazer, limitando me a registar aqui os acontecimentos mais notaveis do nosso limitado meio teatral.

Uma impressão profunda nos deixa esta peça, que apezar da sua graça e da sua leveza, fere ao de leve as notas do sentimento, patenteando nos um caso que se repete incessantemente neste imenso cáos da vida onde ainda ha muitas criaturas boas como Primerose.

E uma outra coisa nêle se admira e essa é a veracidade com que o meio para alí está transportado, tendo bem definida a psícologia dos personagens o que muito bem se observa não só em toda a peça mas principalmente no final do 2.º acto quando se trata da questão polítco-religiosa.

E' êsse caso de atualidade para nós, que na peça apareçe incidentalmente, mas que serve para mostrar bem as ideias predominantes de uma época e o seu estado de alma, que sobre êsse ponto é o mêsmo na França como em Portugal.

Resta-me falar do desempenho que foi excelente da parte de todos os artistas destacando-se muito Alexandre de Azevedo no papel de Pedro que representou meticulosamente.

De Brazão não era de esperar melhor pois que êle empregou todos os recursos da sua arte inimitavel.

Emilia de Oliveira muito bem na Condessa de Sernaizes, e Aura Abranches que nos deu uma excelente rapariga do campo, noviça do convento, simples e ingénua, que interpretou maravilhosamente.

A. N.

Colonisação de Angola

Com o titulo acima sahiu dos prelos da Tipografia Mendonça, rua do Corpo Santo 46 a 50, Lisboa, um livro destinado á propaganda e vulgarisação de conhecimentos geraes das riquezas da uberrima Provincia de Angola, 14 vezes maior que Portugal continental. Numa linguagem clara e franca patenteia a soma de recursos que essa nossa Colonia contém nas entranhas do seu solo, e quanto é facil, util e remunerador o emprego de braços e capitaes europeus na vasta cultura dos seus salubres e fecundissimos planaltos.

O livro tem 163 paginas, é ilustrado com 47 fotogravuras bem trabalhadas e impressas em papel *couché*, tendo cada uma a respétiva legenda em português, inglês e alemão. Finda por um mapa de bom desenho, mostrando parte do distrito de Benguela no qual se vê o traçado da linha ferrea de Lobito á Catanga e a região planaltica que essa linha atravessa, e na qual vae brevemente ser estabelecida a colonisação oficial, e a particular por uma Companhia pelo sistema de parceria, que se está formando com capitaes portuguêses, sem embargo de outras que se tentam com capitaes estrangeiros, agora resolvidos a entrar e que o Governo auxlliará certamente em contratos vantajosos e bem definidos. Este livro, de tamanha atualidade e indiscutivel valôr, tem o seu deposito na Livraria Ferreira Limitada, rua Aurea, 132 a 138, e vende-se nas principaes livrarias pelo modico preço de *meio luso* (500 réis), o que demonstra que ao seu lançamento a publico não presidiu a mira nos lucros pecuniarios que ele possa dar aos seus autores.

Estes apenas tiveram a incital-os intuitos de todo o ponto patrioticos, firmados em factos de uma palpitante verdade, fazendo vêr a necessidade e conveniencia de ser derivada para os planaltos de Benguela, Malange e Mossamedes a emigração portuguêsa que anualmente despeja na Argentina, Brasil, Estados Unidos, Bermudas, Sandwich, etc., cerca de 30:000 portuguêses que, sem a minima garantia de futuro, como verdadeiros escravos, vão ali exercer os mais duros misteres, quando naqueles planaltos pódem trabalhar com os seus proprios braços, sem alteração aparente de saude e sem degeneração da raça, em terras convenientemente preparadas que o Estado lhes transfere em curto prazo e vantajosas condições, auxiliando-os com gados, sementes, alfaia agricola, passagens para eles e suas familias, despezas estas que o colono irá pagando suavemente, em largos prazos, sem prepotencias nem vexames; e ali viverão no convivio desafogado de portuguêses, regendo-se por leis portuguêsas, trabalhando em propriedades providas de higiene e conforto e tendo por auxiliares alguns indigenas já de ha muito sujeitos ao nosso dominio.

O livro divide-se em duas partes: 1.ª Ideias geraes sobre colonisação e fomento; 2.ª Estudo pratico da colonisação.

Esta ultima subdivide-se em quatro capitulos: 1.º Colonisação de Angola; 2.º O Planalto de Benguela; 3.º Planos e projetos; 4.º Diplomas oficiaes.

Os titulos são sugestivos; abrangem ensinamentos e materia pratica, modelos e orçamentos para a montagem de companhias de colonisação, tudo bordado e organisado sobre um plano de estudos feitos *in loco* com consciencia e verdade. E por isso o livro constitue um valioso guia e um importante auxiliar para aqueles que queiram dedicar se aos trabalhos de agricultura ou constituição de empresas agricolas em Angola.

Os autores deste util livro são os srs. dr. José Pereira do Nascimento, medico naval, explorador naturalista, chefe da missão de estudos da colonisação de Benguela, que ha vinte anos tem percorrido e estudado grande parte da provincia de Angola, as suas raças indigenas. etc., autor de varios projétos que o livro apresenta, e tem publicado diversos trabalhos sobre Angola; e o dr. Antonio Alexandre de Mattos, que desde abril de 1902 desempenha em Loanda o cargo de conservador do Registo Predial e vogal da Comissão das Terras, exercendo ali a advocacia, e tendo tambem desempenhado, por vezes. durante cerca de cinco anos, os cargos de juiz de direito e juiz auditor dos conselhos de guerra.

Cronicas Lyricas

Teatro de S. Carlos

Tristão e Isolda de Ricardo Wagner — *Reprises* da *Manon* e da *Tosca* — Como foi a época?

Depois de tantas noites, de operas mal cantadas, mal ensaiadas a época terminou regularmente.

A opera de Wagner, *Tristão e Isolda*, foi posta em scena com um bocadinho de mais cuidado, a orchestra augmentada e um regente conhecedor do assumpto. A cantôra Cecilia Gagliardi foi uma *Isolda* magnifica tanto na parte vocal como na artistica, sendo muito applaudida.

Ladislawa Hotkowska foi uma *Brangania* que agradou sem favor, sendo muito applaudida no final do duetto do 1.º acto.

O tenôr Viñas continua a ser um artista wagneriano, cantando bem a sua parte.

O barytono Chalis, de voz pouco agradavel mas conhecendo bem o seu papel.

Rossato, um bello *rei Marko*.

O maestro Saco del Valle, rapaz de talento e grande amante da musica de Wagner, regeu a opera magnificamente; apezar de ter tido poucos ensaios, a orchestra executou a opera sem grandes protestos.

*

Para estreia do tenôr Macnez, fez-se *reprise* da *Manon*. Macnez é um tenôr de voz agradavel, sabe cantar e foi feliz no *sonho* do 2.º acto, que foi bisado com grandes applausos.

A *Tosca* com a sr.ª Crestani foi um grande successo para esta artista. Deu-nos uma *Tosca* bem estudada na parte dramatica, e na vocal já era de esperar que agradasse em virtude da sua linda voz.

Macnez, sempre um *Cavaradossi* fino em scena, cantando bem toda a sua parte.

Foi com esta opera que se fechou a primeira época lyrica dos srs. Boceta e Callejas.

*

Perguntará agora o leitor: *Como foi a época?* Responderemos em meia duzia de palavras. Os srs. Boceta e Callejas que dirigem o *Real* de Madrid, não *com arte*, mas *commercialmente*, o que é bem differente, com o descontentamento geral dos assignantes, do publico e da imprensa imparcial, tomaram o nosso S. Carlos, despresando as suas tradições, e pensando que era algum theatro lyrico d'alguma terra de provincia! Com esta orientação organisaram uma época, aliaz com bellos elementos artisticos, mas sem nenhum criterio artistico, d'ahi operas mal ensaiadas, mal cantadas, córos ridiculos, orchestra deminuta, directores d'orchestra (exceptuando Saco del Valle) algo modestos, etc., etc.

Ainda foram felizes em encontrarem publico com a maxima benevolencia, pois se fosse n'outros tempos, pobre empreza! Era um ar que lhe dava!

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

O MEZ METEOROLOGICO

Fevereiro de 1912

Barometro — Max. altura 771mm.6 em 27.
» Min. altura 737mm.7 em 7.

São raras, no nosso clima, as alturas barometricas, inferiores a 740mm. No presente mez, porém, desceu abaixo d'este nivel, persistindo du-

rante dias, numa pressão muito baixa, que quasi durou toda a primeira quinzena.

Em 5, a minima pressão foi de 739mm.7, em 6, de 738mm.4, em 7, de 737mm.7 e em 8, de 738mm.9.

Desde 1892, que esse facto se não repetiu, sendo nesse anno a minima barometrica de 734.4mm.

Termometro — Max. altura 20°.9 em 24.
» Min. altura 8°.1 em 12.

Em consequencia do fenomeno acima citado a temperatura manteve se sempre alta.

Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 3 dias.
» » nublado 22 dias.
» » encoberto 4 dias.

Chuva — 215mm.6 em 21 dias, sendo o mez de fevereiro mais chuvoso, desde 1902 (nesse anno 254mm.0).

Os dias em que a altura pluviometrica excedeu 10 milimetros fôram; 14mm.7 em 1, 29.7 em 2, 14.4 em 5, 14.0 em 6, 16.7 em 8, 17 9 em 9, 10.0 em 18 e 19.0 em 22.

Vento dominante — SW, sendo consideravel a sua velocidade em 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8 e 10.

NECROLOGIA

Dr. Eduardo de Abreu

Desde 1880 que o dr. Eduardo de de Abreu veiu afirmando seu dedicado patriotismo quanto sincero democrata, na justa aspiração de vêr no seu país um governo de austera moralidade e zelosa administração dos rendimentos publicos.

Este vehemente desejo dominou-o toda a sua vida, que, infelizmente, não foi longa, por isso que, prematuramente morreu pouco além dos cincoenta anos, quando, porventura a sua acção na causa publica mais se poderia afirmar como deputado e senador, até ministro, a que por seus dotes podia aspirar, no regimen democratico que fôra o seu ideial.

Foi pelo Centenario de Camões que o dr. Eduardo de Abreu, ainda estudante na Universidade, revelava suas ideias avançadas e de resurgimento da patria abatida, associando-se, com todo o entusiasmo dos seus vinte anos, á consagração nacional do grande épico. Da mesma fórma, em 1882, era um dos iniciadores das festas do Centenario do Marquês de Pombal.

Era a sua afirmação de patriota.

O democrata afirmava-se, em 1885, quando desempenhando as funções de guarda mór de saude em Angra do Heroismo, terra da sua naturalidade, prestou um importante serviço ao vapor alemão *Rosario*, e o governo da Alemanha o quiz agraciar com a Ordem de Merito Militar e Civil, que ele não aceitou. Barjona de Freitas ofereceu-lhe a carta de conselho que Eduardo de Abreu declinou.

Não estavam no seu animo essas distinções.

Eduardo de Abreu tinha por melhor recompensa a consciencia do cumprimento do dever e esse dever para ele resumiu-o em bem servir a patria.

Filiou-se no partido progressista e aceitou a candidatura de deputado pela terra em que nascera, vindo ás côrtes, em 1887. Então a energia dos seus disursos logo fez compreender a independencia do seu caracter insubmisso ás conveniencias de partido.

Combateu abertamente pela moralidade e pela justiça acima de tudo. A breve trecho foi tido por um indisciplinado.

Veiu o *ultimatum* de 11 de janeiro de 1890, e Eduardo de Abreu, desligou se logo do seu partido e do regimen monarquico. Revoltou-se contra o procedimento do governo inglês, que lhe feria fundamente seus sentimentos patrioticos, e contra os governos que arrastaram o país a uma tal situação.

A estatua de Camões apareceu coberta de crepes. Fôra Eduardo de Abreu que tivera essa iniciativa. Organisada a Grande Comissão da Subscrição Nacional para a compra de navios de guerra, ele foi a alma dessa comissão, em que trabalhou afincadamente nove anos até conclusão dos trabalhos. Dessa Comissão ele só, quiz guardar a bandeira, como recordação, que todos os anos, no dia 11 de janeiro arvorava na sua casa de Amares, e do que dava noticia telegrafica para os jornaes afim de não ser esquecida pelo povo aquela triste data.

Nesse ano do *ultimatum*, Lisboa elegeu-o deputado. A sua presença no parlamento teve ainda maior destaque do que da primeira vez. Combateu vivamente o projéto de emprestimo de quarenta e cinco mil contos que o governo contraíu com a caução do rendimento dos Tabacos. Propoz antes a redução de 50 % na lista civil e de 2 a 15 % nos vencimentos dos funcionarios civis e militares, superiores a quatrocentos mil réis. Prohibição de acumulações; extinção dos ministerios da Instrução e das Obras Publicas distribuindo os serviços destes pelos outros ministerios. Prohibição de novas nomeações de funcionarios; redução nos quadros do exercito assim como supressão dos postos superiores e das embaixadas, limitando o numero de legações. Redução nos juros da divida publica, remodelação do sistema tributario, etc.

Se nesta proposta nem tudo era praticavel, algumas coisas havia a aproveitar dadas as circumstancias em que o país se encontrava, mas a camara nem sequer admitiu á discussão o projéto de Eduardo de Abreu, o que não impediu que depois o ministerio Dias Ferreira aproveitasse alguma coisa do mesmo projéto, como, por exemplo, a redução de juro da divida publica.

Entretanto Eduardo de Abreu mostrava bem neste projéto quanto o preocupava o deploravel estado das finanças, a par de uma grande afirmação das suas ideias democraticas.

Lutou improficuamente, mas ficou de consciencia tranquila. Retirou-se da arena politica em 1896, escrevendo uma carta aberta na *Vanguarda*, declarando que não tornava a ser deputado com o regimen monarquico. Foi viajar pelo estrangeiro em missão particular de estudo de assistencia publica, da colera e da descoberta de Pasteur contra a raiva.

Representou a Academia Portuguêsa no Centenario de Calderon, em Madrid, e ali se empenhou em obter a comutação da pena de morte imposta pelo tribunal da Corunha a um português, o que de facto conseguiu.

Eduardo de Abreu voltou á arena politica, com a implantação do novo regimen, que de resto era o seu ideal, aquele em que via o renascimento da patria.

Eleito por Angra do Heroismo deputado ás Constituintes, a sua voz fez se novamente ouvir no parlamento, discordando em muitos pontos da orientação que a Republica tomava. Um dos pontos em que mais abertamente se manifestou foi contra a lei de separação da Igreja do Estado pelo espirito de alguns dos seus artigos atentatorios das consciencias e de manifesto sectarismo.

O seu verbo ainda por vezes brilhou, mas o seu estado de saude era já precario. Já não era o lutador doutros tempos, e desgostoso, doente, retirou-se a sua casa, em Braga, para não mais voltar ao parlamento, pois a morte veiu pôr termo áquela vida agitada, no dia 4 de fevereiro, apagar a luz daquella alma sinceramente dedicada ao amor da sua patria.

Que descanse em paz!

Dr. Eduardo de Abreu

PUBLICAÇÕES

Dicionario Universal Illustrado. Editor João Romano Torres & C.ª, Lisboa.

Acaba de se publicar o tomo 20 deste indispensavel dicionario, dirigido pelo nosso colega Eduardo de Noronha, e que sempre tem sahido com a mais absoluta pontualidade. Abrange este tomo os vocabulos que vão desde *Aodera* até *Athouguia*, ou sejam perto de dois mil, com numerosos retratos, gravuras de obra de arte, paizagens, reproducções de cidades, etc. Este dicionario, que se completará em seis volumes do formato do primeiro já sahido, será a mais completa, moderna e economica de todas as publicações congeneres.

Fundição da estatua de Joaquim Antonio de Aguiar

No volume 34.º desta revista relativo ao ano de 1911, a pagina 1, encontra-se reproduzida em gravura a estatua de Joaquim Antonio de Aguiar, destinada ao monumento em Coimbra, modelada pelo escultor Costa Mota e que é uma das mais belas produções deste insigne artista.

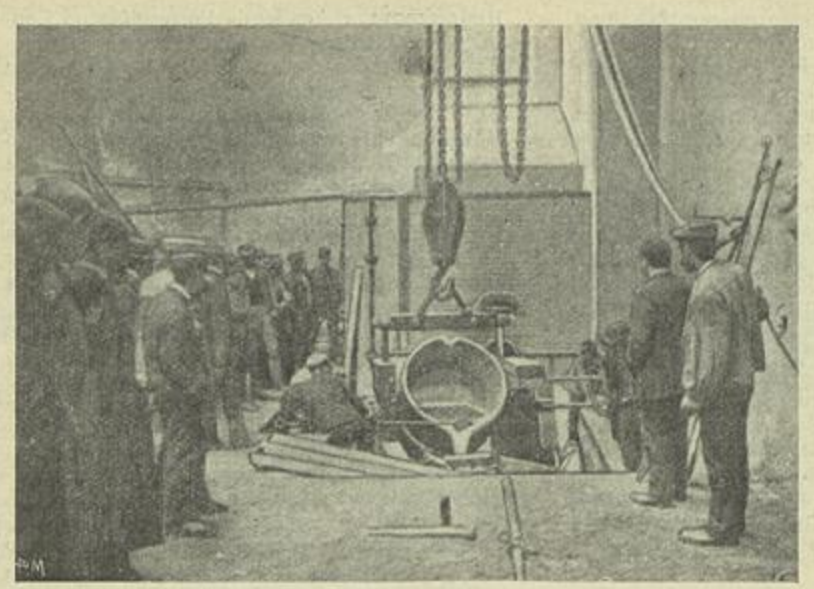
Estava então a estatua modelada em barro e pronta para a sua fundição em bronze, o que só agora se efétuou nas oficinas do Arsenal do Exercito, ao Campo de Santa Clara.

A fundição de uma estatua como esta, que mede mais de tres metros, é uma operação de grande responsabilidade quanto dificil, demandando de operadores praticos e habeis

Chega a ser um acontecimento sensacional uma fundição destas, fóra das condições vulgares em que ordinariamente se fazem nas oficinas do Arsenal do Exercito. Entretanto essas fundições teem se feito ali muito regularmente, desde a celebre estatua equestre de D. José I, que se admira no monumento da Praça do Comercio, — vulgo Memoria do Terreiro do Paço — e que foi acontecimento falado na Lisboa daquele tempo, cuja memoria chegou até nossos dias, em descrições publicadas.

Depois desta, outras estatuas teem sido fundidas naquelas oficinas, como as da Vitória e da Independencia, que se vêm no monumento dos Restauradores, a do Duque da Terceira do seu monumento na praça do mesmo nome, etc.

A' fundição agora feita assistiram os srs. gene-



ARSENAL DO EXERCITO — Fundição da estatua de Joaquim Antonio de Aguiar, destinada ao monumento, em Coimbra

EPIDEMIA EM LISBOA — Distribuição de agua esterilisada aos domicilios

neral Firmino do Vale, dirétor do Arsenal, coronel Ramos da Costa, dirétor das oficinas da fundição de canhões, capitão Leopoldo Candido Rodrigues, sub-dirétor, Çosta Mota, autor da estatua, Simões de Almeida e Veloso Salgado, da comissão do monumento, dr. Alfredo da Cunha, Simões d'Almeida Sobrinho, oficiaes do exercito, etc.

Nas oficinas ha um movimento desusado, proprio da grande operação que se vae realisar, ha mesmo certa anciedade em todos pelo que vae suceder. Que tudo corra sem incidente desagradavel é o desejo de todos.

O forno de alta pressão está caldeando o bronze. Os operarios encarregados daquela fundição põem tudo a postos e, a um dado sinal, um dêles procede á abertura do enorme cadinho onde o bronze está em ebulição. O aparelho manobra fazendo virar o cadinho lentamente e o metal corre em fio, rubro, incandescente, para o interior do molde da estatûa, colocado num grande fosso, entre areia. Dura esta operação uns tres minutos, ao fim dos quaes está vasada a estatua. O metal leva uns quinze dias a esfriar, para que se possa tirar a estatua do molde.

Para esta fundição empregou-se o processo de *cera perdida*, ensaiado com bom resultado por Costa Mota, na fundição do busto e figura do monumento a Pinheiro Chagas, levantado por iniciativa da *Mala da Europa*.

A estatua agora fundida por este processo deverá pesar cerca de 1:500 kilos; pelo processo vulgar pesaria de dois a dois mil e quinhentos kilos.

Os trabalhos de preparação para fundir esta estatua levaram uns quatro meses e fôram dirigidos pelos irmãos Venancios formadores da Escola de Belas Artes de Lisboa.

Epidemia em Lisboa

Os ultimos temporaes que tão grandes estragos fizeram em quasi todo o país, como esta revista referiu em uma das suas cronicas, produziram ainda outros males, além da perda de sementeiras destruidas pelas cheias, como foi o darem-se deslocações geologicas em varios terrenos, que atingiram o aqueduto do Alviela, o qual ficou fendido na extensão de cerca de cincoenta metros e embargada a passagem do manancial de agua mais importante que abastece Lisboa.

Por este motivo teve a Companhia das Aguas, de acudir ás exigencias do consumo com as aguas altas fornecidas pelo antigo Aqueduto das Aguas Livres, as quaes, pelo que parece, achavam-se inquinadas pelas aguas das ultimas chuvas, que invadiram este aqueduto e lhe levaram na enxurrada germens nocivos, como o bacilo de Ebert produtor da febre tifoide.

A presença deste bacilo nas aguas de Lisboa, produsiu de facto uma epidemia de febres tifoides, chegando a alguns casos tambem de tifos exantematicos, felizmente em pequena escala.

Esta epidemia, que chegou a 160 atacados por dia, tem descrescido sensivelmente, sendo a percentagem dos casos fataes de 3 por cada 100 atacados.

Logo que a epidemia se manifestou, as autoridades sanitarias deram as providencias necessarias, hospitalisando os doentes que não tinham recursos suficientes para se tratarem em suas casas e subcidiando outros para nas mesmas serem tratados.

Como os cinco hospitaes civis que ha em Lisboa se considerassem insuficientes para se recolher o numero dos atacados, que nos primeiros dias foi bastante elevado, o governo resolveu aproveitar para enfermarias as salas onde funcionava o extinto tribunal das Trinas, e ali foram logo postas camas e tudo o mais necessario, com o competente pessoal medico e de enfermeiros.

Sendo a agua o condutor da molestia, logo se fez publico que só se devia beber a agua fervida. ou esterilisada, e as mesmas autoridades puzeram em movimento pela cidade aparelhos ambulantes esterilisadores de agua a fornecer aos domicilios, como se vê na gravura que publicamos.

Além disto, a policia tem fornecido desinfetantes e sacos desinfetados para condução de roupas dos doentes.

Com estas providencias tem-se conseguido debelar a epidemia, que póde considerar-se extinta.

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographie chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Onde todos devem comprar SAPATARIA PORTUGAL

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

Almanaque Illustrado do «Occidente» PARA 1912

Está quasi esgotado e recebem-se encomendas para os poucos exemplares restantes, na Empresa do «Occidente» L. do Poço Novo — Lisboa.

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.ª, Lisboa. *Unico* legalmente auctorisado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doenças* e *sempre que é preciso levantar as forças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que teem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

Em percalina com lettras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos, eguaes na cor para collecções.

Capa 800 réis

Capa e encadernação 1$200